

## A SEMANA – 177

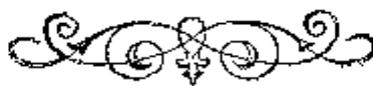
John Gledson

Começamos por um elenco de celebridades internacionais que nunca poriam os pés no Brasil, a começar pelo papa! Ao lado delas, a visita da famosa anarquista francesa Louise Michel parece até verossímil. Estava acostumada a *tournées* de conferências – e estrelas europeias como Sarah Bernhardt foram à América Latina mais de uma vez. Michel, de fato, numa mistura de gêneros de que Machado gosta, é “a diva da anarquia”. Lembramos que “todas as crenças se confundem neste fim de século sem elas”.

Esta fantasia satírica tem suas raízes, se não me engano, num projeto sério da *Gazeta de Notícias*, justamente do jornalista que dá as boas-vindas à Michel, Luís de Castro. As “reportagens fluminenses” a que o cronista alude eram uma série de entrevistas com gente importante e às vezes polêmica, que discutiam assuntos controversos do momento, desde as “carnes verdes” até o monarquismo. O jornal lhes dava destaque considerável. A forma da entrevista, ou, como se dizia ainda, “*interview*”, era de importação americana (junto com a figura do *reporter*, que Luís de Castro encarna e satiriza) e que pretende tratar assuntos sérios numa conversa mais “pessoal” e divertida.

Aqui é onde a sátira machadiana começa a morder, porque, em vez de camaradas revolucionários, Michel se encontra com os membros do Instituto Histórico e Geográfico, eminentemente respeitáveis, e, cúmulo da incongruência, com a União de Proprietários, de nome completo bastante constrangedor (ver nota 10). A entrevista é um desencontro absurdo, como não podia deixar de ser, em que se zomba de Michel (“Que é comprar?”, “Que é vender?”, “Que são contratos?”, etc.), e dos proprietários ignorantes e pão-duros. Não surpreende o intérprete perder-se nas traduções, nem, talvez, o cronista se fartar da sua própria ficção.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 263-268.



## A SEMANA

20 de outubro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Vamos ter, no ano próximo, uma visita de grande importância. Não é Leão XIII, nem Bismarck, nem Crispi, nem a rainha de Madagascar, nem o imperador da Alemanha, nem Verdi, nem o marquês Ito, nem o marechal Iamagata.<sup>1</sup> Não é terremoto nem peste. Não é golpe de Estado nem câmbio a 27.<sup>2</sup> Para que mais delongas? É Luísa Michel.<sup>3</sup>

Li que um empresário americano contratou a diva da anarquia para fazer conferências nos Estados Unidos e na América do Sul. Há ideias que só podem nascer na cabeça de um norte-americano. Só a alma *yankee*<sup>4</sup> é capaz de avaliar o que lhe renderá uma viagem de discursos daquela famosa mulher, que Paris rejeita e a quem

---

<sup>1</sup> Uma lista interessante: o papa Leão XIII, famoso sobretudo pela encíclica *De Rerum Novarum* (1891), que abordou as relações entre o capital e o trabalho; o ex-chanceler do Império Alemão (destituído pelo imperador Guilherme II em 1890), conhecido como “o chanceler de ferro”; Francesco Crispi, homem forte da política italiana, e primeiro ministro nesse momento; a rainha Ranavalona III, que lutou para manter Madagascar livre da colonização francesa, e que então estava a ponto de perder o trono, sendo exilada para a ilha de Réunion; Giuseppe Verdi, a figura máxima da ópera italiana, que apoiou a unificação da península; e duas figuras máximas da expansão e do militarismo japoneses.

<sup>2</sup> A taxa de câmbio (um mil-réis valia 27 *pence*) durante a monarquia, quando se manteve comparativamente estável. Nesse momento estava a um terço desse valor.

<sup>3</sup> Louise Michel (1830-1905) foi anarquista francesa, célebre sobretudo pelo seu papel na Comuna de Paris, de 1871; era conhecida como a “*vierge rouge*”, a virgem vermelha. Foi exilada na Nova Caledônia, no Pacífico, mas voltou à França em 1880, onde continuou suas atividades, exilando-se depois na Inglaterra. Ficou muito popular nos últimos anos do século, e viajava pela Europa fazendo discursos e conferências sobre a revolução anarquista. Havia certa curiosidade sobre a sua vida privada: *A Família*, revista feminina carioca, em janeiro de 1894, descreve o apartamento simples que habitava em Londres, falando do seu amor pelos animais, etc. Esta visita proposta ao Rio é, certamente, uma fantasia cômica, e o empresário americano, para quem *Time is money*, um estereótipo conveniente. Chamá-la de “diva anarquista” e levá-la ao Hotel dos Estrangeiros faz parte desta comédia; o fato é, porém, que Michel recebeu doações de Sarah Bernhardt (ver, p. ex. *Jornal do Commercio*, 4 de outubro de 1892, p. 2. col. 4), diva verdadeira que fez *tournées* na América Latina, e é assunto de uma crônica bastante comparável a esta, no dia 16 de julho de 1893 (65).

<sup>4</sup> Assim na *Gazeta*. Aurélio moderniza: “ianque”.

Londres dá a hospedagem que distribui a todos, desde os Bourbons até os Barbès.<sup>5</sup> De momento, não posso afirmar que Barbès estivesse em Londres; mas, ponho-lhe aqui o nome, por se parecer com Bourbons e contrastar com eles nos princípios sociais e políticos. Assim se explicam muitos erros de data e de biografia: necessidades de estilo, equilíbrios de oração.<sup>6</sup>

Desde que li a notícia da vinda de Luísa Michel ao Rio de Janeiro tenho estado a pensar no efeito do acontecimento. A primeira coisa que Luísa Michel verá, depois da nossa bela baía, é o cais Pharoux, atulhado de gente curiosa, muda, espantada. A multidão far-lhe-á alas, com dificuldade, porque todos quererão vê-la de perto, a cor dos olhos, o modo de andar, a mala. Metida na caleça com o empresário e o intérprete, irá para o hotel dos Estrangeiros, onde terá aposentos cômodos e vastos. Os outros hóspedes, em vez de fugirem à companhia, quererão viver com ela, respirar o mesmo ar, ouvi-la falar de política, pedir-lhe notícias da comuna e outras instituições.

Dez minutos depois de alojada, receberá ela um cartão de pessoa que lhe deseja falar: é o nosso Luís de Castro que vai fazer a sua reportagem fluminense.<sup>7</sup> Luísa Michel ficará admirada da correção com que o representante da *Gazeta de Notícias* fala francês. Perguntar-lhe-á se nasceu em França.

– Não, minha senhora, mas estive lá algum tempo; gosto de Paris, amo a língua francesa. Venho da parte da *Gazeta de Notícias* para ouvi-la sobre alguns pontos; a entrevista sairá impressa amanhã, com o seu retrato. Pelo meu cartão, terá visto que somos xarás: a senhora é Luísa, eu sou Luís. Vamos, porém, ao que importa...

---

<sup>5</sup> Bourbons: a família real francesa. Alguns de seus membros se exilaram em Londres depois da Revolução de 1789; e Armand Barbès (1809-1870), figura típica dos revolucionários da primeira metade do século XIX, idealista, corajoso, várias vezes encarcerado. Exilou-se na Holanda durante o Segundo Império de Napoleão III.

<sup>6</sup> Na prosa machadiana, aqui e ali, encontramos tiradas que compõem uma poética (toda dele) da criação literária. Esta é uma dessas passagens. Bourbons e Barbès coincidem nas consoantes, mas divergem nas vogais; estas são mais abertas – liberais, modernas, avançadas – em Barbès. Provavelmente, essas considerações revelam não só sua concepção da arte literária (esta crônica é uma peça de ficção); elas contêm, também, ressonâncias de seu pensamento histórico e político.

<sup>7</sup> Luís Joaquim de Oliveira Castro (1863-1920). Tinha passado uma parte da juventude na França, e publicou em 1891 um livro em francês sobre o Brasil: *Le Brésil vivant*. Trabalhava na *Gazeta* como crítico artístico e musical (era wagneriano entusiasta), e assinaria, de 1896 em diante, no mesmo jornal, uma coluna chamada “Artes e manhas”. A fama dele nesse momento se devia a uma série de entrevistas, publicadas com destaque na *Gazeta*, com o título “Reportagem Fluminense”, que tinha começado no *Commercio de S. Paulo*, jornal monarquista, onde trabalhou antes. Era uma tentativa conscientemente “moderna” de discutir assuntos candentes, como o imposto sobre a renda (que não existia ainda), o protecionismo, o péssimo serviço dos correios, as “carnes verdes”, etc., e em consequência incitava cartas iradas nos apedidos. Por isso mesmo, às vezes recorria ao anonimato (“um ex-ministro de Estado”), etc. As pessoas entrevistadas abertamente, como Cândido Barata Ribeiro, ex-prefeito do Rio de Janeiro, ou Joaquim Nabuco (sobre o monarquismo, no dia 12 de novembro), tinham uma importância polêmica, de campos políticos opostos – o que condizia com o novo gênero –, mas eram também sérias e provocadoras, uma tentativa de abrir um debate verdadeiro, apesar de Castro ser abertamente antijacobino, e ligado aos monarquistas.

Acabada a entrevista, chegará um empresário de teatro, que vem oferecer a Luísa Michel um camarote para a noite seguinte. Um poeta irá apresentar-lhe o último livro de versos: *Dilúvios sociais*. Três moças pedirão à diva o favor de lhes declarar se vencerá o carneiro ou o leão.

– O carneiro, minhas senhoras; o carneiro é o povo, há de vencer, e o leão será esmagado.

– Então não devemos comprar no leão?

– Não comprem nem vendam. Que é comprar? Que é vender? Tudo é de todos. Oh! esqueçam essas locuções, que só exprimem ideias tirânicas.

Logo depois virá uma comissão do Instituto Histórico, dizendo-lhe francamente que não aceita os princípios que ela defende, mas, desejando recolher documentos e depoimentos para a história pátria, precisa saber até que ponto o anarquismo e o comunismo estão relacionados com esta parte da América. A diva responderá que por ora, além do caso Amapá,<sup>8</sup> não há nada que se possa dizer verdadeiro comunismo aqui. Traz, porém, ideias destinadas a destruir e reconstituir a sociedade, e espera que o povo as recolha para o grande dia. A comissão diz que nada tem com a vitória futura, e retira-se.

É noite: a diva quer jantar,<sup>9</sup> está a cair de fome; mas anuncia-se outra comissão, e por mais que o empresário lhe diga que fica para outro dia ou volte depois de jantar, a comissão insiste em falar com Luísa Michel. Não vem só felicitá-la, vem tratar de altos interesses da revolução; pede-lhe apenas quinze minutos. Luísa Michel manda que a comissão entre.

– Madama, dirá um dos cinco membros, o principal motivo que nos traz aqui é o mais grave para nós. Vimos pedir que V. Ex. nos ampare e proteja com a palavra que Deus lhe deu. Sabemos que V. Ex. vem fazer a revolução, e nós a queremos, nós a pedimos...

– Perdão, venho só pregar ideias.

– Ideias bastam. Desde que pregue as boas ideias revolucionárias, podemos considerar tudo feito. Madama, nós vimos pedir-lhe socorro contra os opressores que nos governam, que nos logram, que nos dominam, que nos empobrecem: os locatários.

---

<sup>8</sup> O “caso” a que Machado se refere aqui não parece ser acontecimento recente, mas uma situação de rivalidade entre a França e o Brasil que continuava sem resolução (como o caso da ilha da Trindade e as pretensões da Inglaterra, a que às vezes era comparada). Na crônica de 28 de julho de 1895 (165) fala-se em dois líderes do conflito, e na nota 8 a essa crônica, dá-se um resumo da história, que em 1900 levou à incorporação do futuro estado do Amapá no território brasileiro. O “comunismo” talvez seja só uma referência à situação caótica no lugar, então chamado “Contestado Franco-Brasileiro”.

<sup>9</sup> Aqui, no microfilme da *Gazeta*, há um sinal pouco distinto, difícil de interpretar, se é que representa alguma coisa. Mário de Alencar e Aurélio colocam ponto e vírgula. Dada a proximidade de outro ponto e vírgula, e a impossibilidade de ler o sinal indistinto, julgamos esta solução mais provável.

Somos representantes da União dos Proprietários.<sup>10</sup> V. Ex. há de ter visto algumas casas, ainda que poucas, com uma placa em que está o nome da associação que nos manda aqui.

Luísa Michel, com os olhos acesos, cheia de comoção, dirá que, tendo chegado agora mesmo, não teve tempo de olhar para as casas; pede à comissão que lhe conte tudo. Com que então os locatários?...

– São os senhores deste país, madama. Nós somos os servos; daí a nossa União.

– Na Europa é o contrário, observa;<sup>11</sup> os locatários, os proletários, os refratários...

– Que diferença! Aqui somos nós que nos ligamos, e ainda assim poucos, porque a maior parte tem medo e retrai-se. O inquilino é tudo. O menor defeito do inquilino, madama, é não pagar em dia; há-os que não pagam nunca, outros que mofam do dono da casa. Isto é novo, data de poucos anos. Nós vivemos há muito, e não vimos coisa assim. Imagine V. Ex....

– Então os locatários são tudo?

– Tudo e mais alguma coisa.

Luísa Michel, dando um salto:

– Mas então a anarquia está feita, o comunismo está feito.

– Justamente, madama, é a anarquia...

– Santa anarquia, *caballero*, – interromperá a diva, dando este tratamento espanhol ao chefe da comissão, – santa, três vezes santa anarquia! Que me vindes pedir, vós outros, proprietários? que vos defenda os aluguéis? Mas que são aluguéis? Uma convenção precária, um instrumento da<sup>12</sup> opressão, um abuso da força. Tolerado como a

---

<sup>10</sup> O nome completo desta organização era “Sociedade União dos Proprietários e Arrendatários de Estalagens e Casas de Alugar Cômodos”, com sede na rua do Lavradio 17. Do que se deduz dos jornais, era uma companhia respeitável e sólida. Nesse momento, estava envolvida na questão do “recuo”, o alargamento das ruas (ver as crônicas de 28 de abril de 1895 [nota 1] e 15 de setembro de 1895 [nota 8]), insistindo nos seus direitos de indenização, etc. Neste contexto, vale a pena citar parte de uma carta de 1894, reproduzida no *Jornal do Commercio* de 17 de abril de 1895 (p. 4, col. 6), amostra nada surpreendente das suas atitudes perante os movimentos “de esquerda”, como hoje diríamos, defendendo seus direitos. A carta é de Francisco Alves Soares Bastos, secretário da Sociedade União: “Direito consagrado na lei constitucional, que garante a propriedade em toda a sua plenitude, porque se não formos ciosos do que nos pertence, do mesmo modo que nos pretendem tirar-nos um metro de terreno sem indenização, amanhã, se a experiência for bem sucedida, virá mais a exigência de dez centímetros, depois mais dez, mais vinte, mais cinquenta, e daí a nossa fortuna ficará pertencendo ao Estado. / Daí ao socialismo pouco falta. E do socialismo ao anarquismo é só um passo.”

<sup>11</sup> Aqui, o texto da *Gazeta* tem “observa a / os locatários”: o traço representa o fim de uma coluna, e o começo de outra. Mário de Alencar tem “observa aos locatários”, solução impossível por ser um contrassenso. Reproduzimos aqui a versão de Aurélio, que interpreta o “a” do jornal como ponto e vírgula, sem nota explicativa. Confesso que não me satisfaz. Mais provável é que faltem algumas palavras, uma linha talvez no fim da página, e o “a” qualificasse um substantivo – “mulher”, por exemplo, ou até “virgem vermelha”! Na impossibilidade de saber, tivemos de nos resignar à solução de Aurélio.

<sup>12</sup> Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio tem “de”.

tortura, a fogueira e as prisões, os aluguéis têm de acabar como os demais suplícios. Vós estais quase no fim. Se vos ligais contra os locatários, é que a vossa perda é certa. O governo é dos inquilinos. Não são já os aristocratas que têm de ser enforcados: sereis vós:

*Çà ira, çà ira, çà ira,  
Les propriétaires à la lanterne!*<sup>13</sup>

Não entendendo mais que a última palavra, a comissão nem espera que o intérprete traduza todos os conceitos da grande anarquista; e, sem suspeitar que faz impudicamente um trocadilho ou coisa que o valha, jura que é falso, que os proprietários não põem lanternas nas casas, mas encanamentos de gás. Se o gás está caro, não é culpa deles, mas das contas belgas<sup>14</sup> ou do gasto excessivo dos inquilinos. Há de ser engraçado se, além de perderem os aluguéis, tiverem de pagar o gás. E as penas d'água? as décimas?<sup>15</sup> os concertos?

Luísa Michel aproveita uma pausa da comissão para soltar três vivas à anarquia e declarar ao empresário americano que embarcará no dia seguinte para ir pregar a outra parte. Não há que propagar neste país, onde os proprietários se acham em tão miserável e justa condição que já se unem contra os inquilinos; a obra aqui não precisava discursos. O empresário, indignado, saca do bolso o contrato e mostra-lho. Luísa Michel fuzila impropérios. Que são contratos? pergunta. O mesmo que aluguéis, – uma espoliação. Irrita-se o empresário e ameaça. A comissão procura aquietá-lo com palavras inglesas: *Time is money, five o'clock...* O intérprete perde-se nas traduções. Eu, mais feliz que todos, acabo a semana.



---

<sup>13</sup> Famosa canção da Revolução Francesa. No original: “*Les aristocrates à la lanterne!*”

<sup>14</sup> Desde 1876, a concessão dos serviços de gás na capital do Império era da empresa belga Société Anonyme du Gaz – SAG; só em 1910 a Rio de Janeiro Tramway Light and Power Company Limited (a Light) passou a deter o controle do capital da SAG.

<sup>15</sup> As penas d'água eram uma taxa fixa para abastecimento de água, independente da quantidade consumida; as décimas, um tributo municipal sobre o valor das casas (que muita gente deixava de pagar).



**Louise Michel**

Esta imagem provém do [Wikimedia Commons](#), um acervo de [conteúdo livre](#) da [Wikimedia Foundation](#) que pode ser utilizado por outros projetos.

- [Ver imagem original no Wikimedia Commons](#) para mais informações.